

**MORAR NA RUA: A VIOLÊNCIA E O PRECONCEITO VIVENCIADOS POR
MORADORES DE RUA DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES**

**LIVING ON THE STREET: VIOLENCE AND PREJUDICE EXPERIENCED BY
STREET RESIDENTS IN CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES**

Fabrine Aparecida Jardim Tonoli

João Paulo Freire Garcia

Raiane Vicentini dos Santos¹

Fabiana Davel Canal²

RESUMO

O presente artigo descreve como tem sido a vida de moradores de rua na cidade de Cachoeiro de Itapemirim/ES. Para isso foram realizadas entrevistas com pessoas que passaram por essa situação e que atualmente vivem em uma casa de passagem. O principal objetivo foi entender os motivos que os levaram a tal situação e buscar uma compreensão, ao olhar da Psicologia Social, de como se constituiu esse grupo social, suas vivências, bem como os motivos que os levaram até as ruas, além do desejo de sair dela. O método utilizado foi o de entrevista semiestruturada com quatro residentes, com idade entre 36 e 59 anos, com perguntas abertas sobre a vida antes da rua, na rua e fora dela. A coleta de dados aconteceu na casa de passagem Madre Tereza de Calcutá, em Cachoeiro de Itapemirim/ES. As falas dos entrevistados trazem a invisibilidade das pessoas que estão em situação de rua e evidenciam as diversas formas de violência que vivenciam – desde a violência estrutural, com a dificuldade de acesso às políticas públicas, até a violência física.

Palavras-chave: Moradores de Rua. Psicologia Social. Grupos Sociais.

ABSTRACT

This article describes how has been the life of homeless people in Cachoeiro de Itapemirim / ES. For this, interviews were conducted with people who have

¹ Graduandos em Psicologia pela Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim.

² Mestre em Psicologia Institucional (UFES). Especialista em Psicologia Social (CFP). Graduação em Psicologia pela UFES. Professora orientadora pela Multivix Cachoeiro de Itapemirim e Multivix Castelo.

experienced this situation and currently live in a Homeless shelter. The main objective was to understand the reasons that led them to this situation and seek an understanding in the gaze of Social Psychology of how these social groups were constituted, their experiences, as well as the reasons that took them to the streets and the desire to leave her. The method used was a semi-structured interview with four residents, aged between 36 and 59 years old, with open-ended questions about life before the street, on the street and outside. Data collection took place at Madre Tereza de Calcutta shelter from Cachoeiro de Itapemirim / ES. The interviewee's statements bring the invisibility of the homeless and highlight the various violence forms they experience - from structural violence, with the access difficulty of public policies, to physical violence.

Keywords: Homeless, Social Psychology, Social Groups.

1 INTRODUÇÃO

O morar na rua é questão não apenas referente às pessoas que estão nela, mas também, diz respeito a questões de cunho político, social e econômico; além de ferir os direitos previstos na Constituição, que em seu Art. 5º, inciso III, deixa claro que ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento desumano ou degradante, condições que, muitas vezes, observamos na rua. Todavia, percebe-se que apesar de ser previsto em lei, não é o que acontece com as pessoas que estão em situação de rua. Essas, quase sempre são noticiadas nos veículos de comunicações com reportagens que tratam da violência contra moradores de rua. Percebe-se assim, que isso se tornou algo natural na sociedade.

Coimbra (2001) evidencia que a sociedade moderna impõe cidades limpas, higienizadas, e para tanto, a pobreza não deve existir e assim, declara pelo aniquilamento dessa parcela da população. Conforme Deleuze (1992, p. 213): “[...] não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana”.

Diante do exposto, este trabalho propõe-se a investigar, coletar os dados, organizar, conceituar o modo de vida de pessoas em situação de rua, e, sobretudo, comparar com as informações de conhecimento público que refletem a realidade local da cidade

de Cachoeiro de Itapemirim – ES, local de estudo abordado neste trabalho, para que, dessa forma, seja possível sintetizar um breve panorama de como é a realidade, com foco em quais são as maiores dificuldades enfrentadas por pessoas que vivem nas ruas dessa região.

Nesse sentido, esse trabalho é relevante como uma amostra da realidade social de Cachoeiro de Itapemirim-ES, envolvendo pessoas em situação de rua, na perspectiva de buscar pelo outro lado, ou seja, de ouvir aqueles que têm suas vozes abafadas por uma sociedade que estigmatiza, rotula e condena.

2 POR QUE AS RUAS?

É comum em nosso dia a dia encontrarmos pessoas que fazem das ruas sua morada. Isso se tornou evidente no Brasil a partir da primeira metade do século XX, através do êxodo rural, que levou muitas pessoas a saírem de suas casas, no campo, em busca de melhores condições de vida na cidade, impelidas pelo desenvolvimento industrial (BRASIL, 2009; CRP-MG, 2015). A procura por lugares com mais facilidade para a entrada no mercado de trabalho e a mobilidade nas áreas urbanas fazia com que as pessoas mais pobres ocupassem, de forma ilegal, os cortiços e favelas da zona urbana. Assim, muitas pessoas passaram por esses locais transitoriamente até chegar às ruas (VARANDA; ADORNO, 2004). Contudo, estudos indicam que atualmente, as pessoas em situação de rua são, em sua maioria, de áreas urbanas, sinalizando que o êxodo rural não mais é fator determinante para tal realidade (BRASIL, 2009).

Para Silva (2006), com a chegada de novas demandas industriais, na metade do século XX, ocorreram mudanças nos cenários capitalistas e, conseqüentemente, aumentou o número de desempregados, as condições de trabalho ficaram fragilizadas e houve uma súbita queda nos salários dos trabalhadores. Ainda conforme a autora, o que se viu nesse período foram famílias ficando mais pobres e uma crescente instabilidade na classe trabalhadora. De tal modo, aumentou o número de pessoas que passaram a viver nas ruas de todo o país. Isso pode ser evidenciado no Brasil a partir da década de 90, que foi marcada por grandes transmutações ao que concerne o capitalismo industrial, gerando expressivo número de moradores em situação de rua. Castel (1997) aponta que, grande parte dos assalariados estava submetida a uma

fragilidade e periculosidade do dia a dia, pois não havia um mercado estruturado de trabalho, e que, por isso, as pessoas mais suscetíveis variavam entre a miséria e vagabundagem.

Silva (2006, p.20), afirma que “o fenômeno população em situação de rua é uma expressão inconteste das desigualdades sociais resultantes das relações sociais capitalistas, que se desenvolvem a partir do eixo capital/trabalho”, e que, “[...] constitui uma síntese de múltiplas determinações, cujas características, mesmo com variações históricas, tornam-no um elemento de extraordinária relevância na composição da pobreza nas sociedades capitalistas”. Dessa forma, a autora evidencia que, para compreender tal fenômeno no Brasil, devem-se considerar dois pontos principais: o primeiro são as grandes mudanças ocorridas no cenário capitalista a partir de 1995 e o segundo refere-se aos estudos sobre a população de rua, que possibilitou o levantamento de informações sobre tal. Segundo Tiene (2004) homens e mulheres passam a morar nas ruas por circunstâncias postas pela sociedade que priorizam a mercadoria e o mercado, deixando, assim, a vida humana de lado.

De acordo com Silva (2006) a população em situação de rua decorre do sistema de acúmulo do capital, numa produção contínua de uma superpopulação que ultrapassa a capacidade de absorção pelo capitalismo. Silva (2006) aponta que não existem estudos que explicitem o surgimento do fenômeno população de rua no Brasil e, portanto, há uma certa dificuldade de comparações entre os períodos anteriores à década de 1990. No entanto, em pesquisas mais recentes, conforme aponta Sicari e Zanella (2018), realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) em 71 municípios brasileiros, sendo 23 capitais, com um contingente populacional acima de 300 mil habitantes, foram identificados 31.922 adultos com mais de 18 anos vivendo em situação de rua. Para essa pesquisa foram consideradas as pessoas que passaram a noite em casas de apoio como albergues e casa de passagem, como as que viviam na rua em si (BRASIL, 2009).

Diante de tais questões, fica a pergunta: onde se concentram essas pessoas? Para responder, Silva (2006) aponta lugares como, abrigos, albergues, repúblicas oferecidas por organizações públicas ou privadas, ainda estão concentradas nas ruas, viadutos, praças, entre outros pontos. Vieira, Bezerra e Rosa (2004) em uma pesquisa

realizada no centro de São Paulo, afirmam o seguinte em relação à sobrevivência dessa população:

A população que se encontra na rua (...) usa de estratégias próprias de subsistência, sendo que a principal delas é recorrer às chamadas bocas de rango, locais de distribuição gratuita de comida, feita predominantemente em espaços públicos: praças, viadutos e parques. Concentram-se no centro da cidade, na maioria das vezes nos finais de semana, e são feitas por instituições filantrópicas de caráter assistencial (VIEIRA, BEZERRA, ROSA, 2004, p.106).

Além das Casas de Convivência conveniadas com a Prefeitura, que oferecem serviços de banho, barba e lavagem de roupas, (...) muito procuradas pela população de rua, as demais alternativas são soluções improvisadas: bicas, chafarizes, represas ou postos de gasolina (VIEIRA, BEZERRA, ROSA, 2004, p.108).

No Estado do Espírito Santo, não existem dados precisos acerca da quantidade de pessoas em situação de rua, conforme explica o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), em sua Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória, no ano de 2017. Essa pesquisa foi realizada com 385 pessoas em situação de rua, e um dado que chama a atenção é que 43,1% dos entrevistados não nasceram no Estado; 37,1% nasceram na região metropolitana; 11,7% são provenientes de outros municípios do Estado e apenas 0,8 dos entrevistados são estrangeiros. Mais de 80% dos entrevistados são do sexo masculino. Nas palavras do IJSN (2018, p. 78):

Cada pessoa em situação de rua que foi entrevistada é um sujeito único, com trajetórias específicas e singularidades que compõe uma subjetividade e dificilmente a pesquisa realizada teria como captar todo o imbricamento envolvido. O que buscou-se identificar foram padrões observáveis, repetições em meio à diversidade, assim como aspectos ou dimensões por vezes invisibilizadas, que uma vez identificados, permitem pensar ações relevantes em termos institucionais, em termos de políticas públicas.

No município de Cachoeiro de Itapemirim-ES, segundo dados de MDS referente ao mês de agosto de 2019, estão cadastrados no programa Cadastro Único do Governo Federal, 107 famílias em situação de rua, sendo que 70 são beneficiárias do programa Bolsa Família (MDS, 2019).

3 METODOLOGIA

O modelo de pesquisa utilizado foi baseado em uma entrevista semiestruturada, composta por 13 perguntas abertas. A coleta dos dados foi realizada na casa de passagem Madre Tereza de Calcutá localizada em Cachoeiro de Itapemirim – ES, onde foram abordadas cinco pessoas aleatoriamente, sendo quatro residentes ex-moradores de rua e um residente fixo na casa (que por tal motivo, não constará nos resultados da pesquisa). Foram realizadas, portanto, quatro entrevistas, com pessoas entre 36 e 59 anos, todos do sexo masculino. O critério para escolha do público específico consistiu em selecionar pessoas que estavam/estão em situação de rua, e suas respectivas participações nas entrevistas foram realizadas na condição da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. Eles serão identificados por suas iniciais.

Foram levantadas questões como: idade, escolaridade, estado civil, saúde, família, desemprego, como é viver na rua (antes e depois), exclusão, preconceito, violência, uso de drogas, e o que esperam essas pessoas das políticas públicas vigentes.

A compilação dos dados foi baseada em uma análise qualitativa (GIL, 2017). Assim, após a transcrição das entrevistas, transformamos os dados obtidos categorizando as informações, utilizando como procedimento a análise de conteúdo, que pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Dessa forma, comparamos ou relacionamos os dados obtidos por meio da entrevista com os sentidos produzidos pela (na) realidade social dos sujeitos, e das literaturas disponíveis em artigos científicos e jornais locais que expõem a realidade vivida por essas pessoas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterizações dos Entrevistados

O entrevistado R, 41 anos, natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, relata que tinha casa, família e emprego, como ele mesmo descreve:

“Eu era estabilizado, tinha serviço próprio, carteira assinada, tinha condição para andar, tinha casa, era amasiado igual falei com você, mas de repente entrou as drogas, aí foi indo descendo de água abaixo, fui perdendo casa, fui perdendo esposa, fui perdendo tudo”.

Atualmente R. vive há cerca de um mês na casa de passagem Madre Tereza de Calcutá, localizada em Cachoeiro de Itapemirim/ES, após ter sido vítima de violência na rua e encaminhado por uma enfermeira da Santa Casa de Misericórdia.

O entrevistado H, 59 anos, viúvo, nascido em Pitangui/MG, foi para a rua por uma série de fatores, e principalmente, segundo ele, porque o filho vendeu a casa do pai sem consultá-lo, como pode ser visto nos trechos a seguir:

“Uma série de fatores, perdas consecutivas. Perdas materiais, psicológicas e de pessoas também. Primeiro eu perdi minha esposa em um acidente... era casado há 30 anos sabe... a mulher da minha vida mesmo [...]”.

“[...] pediu para eu assinar uns papéis para ele tirar a cidadania americana, e eu assinei tudo, e nessa visita onde eu morava em Piúma, tinha minha casa... minha mãe a dela... assinei os papéis, e ele fotografou toda a casa e vendeu para um amigo dele nos Estados Unidos. Eu perdi minha casa”.

O entrevistado E, tem 36 anos, solteiro, nascido em Cachoeiro de Itapemirim /ES, foi para a rua porque ficou desempregado e não conseguia mais se entender com a madrasta conforme pode ser observado abaixo:

“Ah rapaz... É um tal dum negócio que meu pai viaja, e ela arruma uma bagunça com todo mundo, até com os filhos dela, e tem hora que meu pai nem suporta mais. Até ele não suporta ela”.

O entrevistado J., 43 anos, solteiro, natural de Alegre/ES, relatou que passou a viver nas ruas, pois não estava se dando bem mais com sua esposa e resolveu sair de casa, conforme ele relata a seguir:

“A convivência era boa, mas não era boa, a gente não era casado, ela trabalhava de noite eu trabalhava de dia, de dia eu trabalhava, mas não era a convivência boa”.

4.2 A Exclusão das Ruas

Segundo Maricato (1994), não é possível demarcar um consenso entre “incluído” e “excluído”, pois não é um conceito determinado, mas sim algo que circunda o informal, o irregular, o ilegal, o pobre, a raça, e em especial, a falta de voz. Assim Nascimento (2000) afirma que essas pessoas passam a não serem vistas pelos semelhantes e dessa forma elas próprias não se consideram mais tal coisa. Portanto, perdem o direito de ter direitos (NASCIMENTO, 2003), ou seja, sua condição de privação de direitos reconhecidos para outros grupos é naturalizada, passa a não ser percebida como um problema de injustiça (DEJOURS, 2003). Nas palavras de R.B. (entrevistado):

“Não pertence à sociedade [...] É muitas humilhações, humilhação são muitas, é vagabundo, não quer saber de trabalho, mas não quer saber da gente, quando chega numa empresa, quando chega num lugar quer grau de escolaridade, quer o.... coisa que você nunca vai conseguir ter. [...] Ah, vagabundo, um Zé ninguém, uma pessoa que, um peso morto na terra [...] que ele tem que morre, não merece nem ficar aí não”.

De acordo com Paiva et al. (2016), cresce o número de pessoas excluídas dos direitos sociais básicos, como saúde, educação, trabalho, moradia, entre outros. Assim essas pessoas passam a grupos de invisibilidades e é nessa condição que se encontram as pessoas de rua. Para Demo:

[...] o cerne mais duro da pobreza é político. Exclusão social mais dramática não é só não dispor de bens essenciais. É, sobretudo, não conseguir alçar-se à condição de sujeito capaz de comandar seu destino. Nega-se não só acesso material, mas principalmente a autonomia emancipatória (DEMO, 2003, p.36).

Para o entrevistado H:

“Não, nunca... nunca de modo algum! É muito humilhante, é muito sofrido... é muito humilhante, é muito... as pessoas... é muito marginalizado. As pessoas te julgam sem saber a realidade”.

Portanto, quando essas pessoas não são ignoradas, acabam por serem usadas como objetos do Estado, da caridade privada ou mesmos das igrejas, que dizem fazer o

bem sem olhar a quem, reforçando assim a invisibilidade dessas pessoas (PAIVA et al,2016).

Além da invisibilidade, eles também são vítimas da violência. Conforme aponta Esmeraldo Filho (2010) é criada uma associação entre violência e viver na rua, trazendo como consequência um clima de insegurança ininterrupto. Para Alkire (2007), a violência, é um fator que intervém na segurança física, sendo esta uma das principais causas da destituição das liberdades humanas em diversos aspectos:

“[...] “por final eis me pegaram eu na rua, eu não tinha como, eu tava alcoolizado, eu não tinha como correr e nem me defender, [...], quando eis me avistaram, falava “ah lá fulano lá, ah lá fulano lá, pega a ripa. Aí correram atrás de mim e eu não aguentei correr por eu estado do álcool, aí me bateram de ripa até quebrar meu braço, me batia em tudo quanto era lugar do corpo, foi isso que aconteceu [...]”. (Entrevistado R).

“Eu apanhei na rua, sofri incômodo, me surraram 3 vezes, quebraram minha mandíbula e perdi os dentes [...]” (Entrevistado H).

De acordo com Nonato e Raiol (2018) a população em situação de rua é vista socialmente como um grupo que oferece ameaça, e não como um segmento que se encontra em risco. Dessa forma, essas pessoas são percebidas como um problema, quando, na verdade, o problema é a situação de rua. Ainda de acordo com tais autores:

Trata-se de significativa parcela da sociedade inserida no contexto de risco social, marginalizada e excluída de acesso aos direitos fundamentais, notadamente a saúde, educação, trabalho, alimentação e moradia, que forma a base dos direitos sociais, configurando, assim, incontestável violação a dignidade e aos direitos humanos e fundamentais desses sujeitos (NONATO; RAIOL, 2018, p. 97).

De acordo com Melo (2016), as violências a que as pessoas de rua estão sujeitas vêm de todos os lados: da polícia, do poder público, das políticas públicas e dentre tantas outras formas, vêm também da sociedade civil, essa que é defendida por um sistema de exclusão, agride não somente verbal, mas também fisicamente, que em casos extremos de crueldade, chega aos absurdos de envenenamento, atear fogo, entre outros. Nonato e Raiol (2018) ratificam que várias são as formas de violência em

situação de rua, desde simbólicas, até atos de homicídios. Como pode ser observado pelo relato do entrevistado J:

“[...] a gente não sabe quem é quem, às vezes a polícia tirando cê com outro, talvez é bandido tirando cê com outro né, as vezes tem muitos cara nóia né, chega lá louco, te bota fogo por divertimento, existe isso, tem muitas pessoas[...]”.

Moura Jr. (2012) evidencia que isso ocorre, pois, as pessoas em situação de rua são vistas como insignificantes, que não merecem o respeito e, portanto, podem receber os tratamentos mais desumanos, uma vez que não estão no mesmo grau social de quem comete uma prática discriminatória. Costa (2005, p. 11) afirma que “[...] a rua é vivida como um espaço de instabilidade [...] sobreviver na rua é uma façanha individual”.

Enquanto alguns destilam ódio e preconceito, tratando-as com hostilidade e desconfiança, outros as beneficiam e auxiliam em diferentes aspectos, principalmente na alimentação (ALLES, 2010).

“[...] já teve pessoas de bater na porta do caminhão velho que eu dormi, com a mochilinha, com a blusa de frio, com cobertor, com um pratim de comida e ficar com muita pena da gente, ficar conversando, até ir embora, aí voltava a depressão de novo”. (Entrevistado R).

“Sempre me trataram muito bem. [...]” (Entrevistado H).

Sobre o uso de álcool e outras drogas, Esmeraldo Filho (2006) aponta que as drogas são uma das principais maneiras de discriminar as pessoas em situação de rua, pois são vistas unicamente como usuárias de substâncias entorpecentes. Nossos entrevistados R. e J. afirmam já terem sido dependentes químicos, mas que atualmente não fazem uso, pois na casa em que estão existem regras e uma delas é não ser usuário dessas substâncias.

“[...] eu entrei em vício de drogas, bebidas alcoólicas, tipo bebidas alcoólicas tipo crack, cocaína, maconha, ..., já cherei tíner, já cherei cola de sapateiro” (Entrevistado R).

“Já mexi. Maconha crack bebida muita bebida, mas graças a Deus não estou usando mais” (Entrevistado J).

De acordo com Campos (2012), o álcool desempenha um duplo papel na vida das pessoas em situação de rua: ora tem a função de ser conforto e consolo; ora é a justificativa da condição de rua.

“[...] na hora que você tá na, na bebedeira, na, na alucinação da droga, você tá muito bem, mas na hora que “caba” você se sente, como se diz, ..., depressão, depressivo, tristeza, rola vontade de chorar, pedindo a Deus pra morrer, sair desse mundo” (Entrevistado R).

“ah... daquele jeito né... tomava umas cachacinhas, trabalhava” (Entrevistado E).

4.3 Sair ou ficar na Rua? Eis a questão...

Mattos (2006) salienta que o método de saída das ruas esboça a importância de políticas públicas voltadas para as pessoas em situação de rua, assimilando assim, novas formas de viver e confrontando as adversidades sociais. Conforme aponta Souza e Araújo (2007) a saída das ruas está imbricada às políticas públicas, no sentido em que essas contribuem na implantação de uma vida melhor, construindo uma rede de apoio e fortificando as relações sociais. As pessoas em situação de rua preferem não sair de tal situação, pois nas ruas eles experimentam a liberdade, a excentricidade existencial (REIS, 2013).

Fernandes (2013) ressalta que o serviço de guarida em abrigos, feitos pela assistência social, é um poderoso serviço que reabilita a independência, liberdade e cidadania, pois nesses lugares as pessoas podem ir e vir manter relações com outras pessoas, entre outros. De acordo com o relato do entrevistado H. e J. respectivamente:

“[...] e quando eu às vezes ia pra um albergue eu me dava bem com várias pessoas. [...] Sempre me trataram muito bem [...].

“[...] conheço mais as pessoas que trabalham aqui, que trabalham lá embaixo no CREAS, conheço mais essas pessoas assim [...]”.

É fato que grande parte dessas pessoas é proveniente de outras cidades, algumas saem em busca de empregos, porém, acabam permanecendo na rua por não conseguirem oportunidades de uma condição melhor (SALDANHA, 2014). Pesquisas apontam que os fatores que levaram as pessoas a morarem nas ruas estão relacionados com o uso de álcool e outras drogas. Além disso, há também os conflitos

familiares, falta de emprego e o que a rua proporciona, no caso, a liberdade (ABREU, 2013; AGUIAR, 2014; ALCANTARA, ABREU & FARIAS, 2015; CAMPOS, 2012; COSTA, MESQUITA & CAMPOS, 2015; ESQUINCA, 2013; SALDANHA, 2014). Segundo os entrevistados J. e E. respectivamente:

“Eu vivia com minha mulher meus dois filhos aí não aguentei a convivência e vim embora para cá.”

“Problemas familiares [quando questionado do motivo de estar nas ruas].”

Langa (2012), afirma que muitos estão nessa condição, pois é a única forma, perante a exclusão e instabilidade em que se encontram. Já Lisboa (2013) afirma que a falta de comunicação entre saúde e assistência social causa uma cronificação e institucionalização do sujeito, em especial ao que diz respeito ao sofrimento psíquico. Isso pôde ser observado na entrevista de R. que alega não ter tido nenhum apoio da assistência social, nem da saúde. Conforme seu relato presente no trecho da entrevista transcrito abaixo:

“O senhor tinha, tinha alguma equipe de saúde que ia até vocês?”

R: Não.

- E de Assistência Social? R: Não

- Não iam até vocês? R: Não.

- Não prestavam ajuda, nada? R: Não.

Silva (2015) constatou que, para algumas pessoas em situação de rua, é impossível sair dela, devido à fragilização de apoio, tanto da família, como da comunidade, sem contar nas políticas públicas que não são tão eficientes.

*“Eu não iria sair da rua. [...]. Porque eu não ia ter lugar pra ir. ”
(Entrevistado R).*

A imprensa jornalística, de acordo com Frazão (2010), veicula notícias em relação às pessoas de rua, em geral, sempre nas páginas policiais, relacionando assim, aos crimes ou à depravação de espaço público. Para Costa (2010), a produção midiática é importante, pois leva para a sociedade os modos de viver na rua, e assim, propõe que se discuta sobre os direitos sociais e humanos. Esse mesmo autor afirma que essas notícias, em geral, são carregadas de teor negativo em relação aos moradores

de rua, constituindo sempre, a visão de exclusão. Resende (2016), afirma que essa exposição midiática sobre a população de rua, acaba sendo desprezada.

No município de Cachoeiro de Itapemirim-ES, no ano de 2019, foram noticiadas - aqui serão retratadas apenas quatro -, reportagens sobre a violência contra moradores de rua. A primeira é do jornal Gazeta Online, em que se encontra a seguinte manchete “Homem morre a facada durante feira em Cachoeiro de Itapemirim”, o motivo, segundo a reportagem, foi porque a vítima espantou um cachorro, após esse ter avançado no mesmo, e o dono não gostou e desferiu golpes de faca no coração da vítima. Esse crime aconteceu em abril de 2019, no bairro Nova Brasília (CALIMAN, 2019).

A segunda reportagem é do mês de julho de 2019, quando um morador de rua de 32 anos foi encontrado morto na Praça de Fátima, centro da cidade. A principal causa apontada é que ele tenha morrido de frio, segundo a reportagem não havia marcas de violência no corpo da vítima (THOMPSON, 2019). A terceira reportagem, de outubro, um morador de rua foi morto, na Avenida Beira Rio. O motivo do crime não foi informado, mas ao que consta na reportagem, de um jornal local, é que dois moradores de rua entraram em luta corporal e um deles desferiu golpes de faca contra a vítima, que morreu no local (CHUINA, 2019).

Em outra reportagem, também no município de Cachoeiro de Itapemirim, a Prefeitura Municipal com apoio da Guarda Municipal, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Secretaria Municipal de Saúde e da Fiscalização de Postura e Direitos Humanos, fizeram uma operação para a retirada de moradores de rua em pontos estratégicos da cidade. O motivo foi que a população estava incomodada com a presença dos moradores de rua e que havia muito lixo jogado nesses locais, além do mau cheiro e a presença de muitos dependentes químicos. Segundo a reportagem, os moradores não demonstraram resistência e foram encaminhados para uma casa de passagem, mesmo não sendo obrigados a permanecerem no abrigo, e também receberam atendimentos médicos (THOMPSON, 2019).

Para Honorato e Saraiva (2016), as pessoas em situação de rua fazem parte dos grupos sociais que compõem os cenários das cidades e fazem com que ela seja de fato aquilo que ela pretende ser, uma prática. Os mecanismos de poder constituem o

lado da autoridade administrativa, ao mesmo tempo em que os grupos criam formas de contornar esse poder.

Situações como essas deram origem ao Movimento Nacional dos Moradores de Rua (MNMR-SP) surgindo inicialmente em São Paulo como resultado de uma série de assassinatos envolvendo sete pessoas em situação de rua em 2005. Ninguém respondeu pelo crime ou foi preso até então. O movimento social responde como uma reivindicação dos Direitos Humanos e, sobretudo pelos direitos do cidadão assegurados pela Constituição Brasileira de 1988.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a exclusão social, o preconceito, a violência faz parte do cotidiano dessas pessoas, bem como, o uso de álcool e outras drogas, que muitas vezes, auxiliam no enfrentamento das dificuldades do dia a dia, ou seja, servem como uma válvula de escape, para as dores, os sofrimentos, as humilhações sofridas ao longo dos dias. E por tais motivos, as pessoas em situação de rua, representam o perigo, despertam medo, revolta, e poucos são os que realmente se importam e querem ajudar.

É perceptível que vivemos em uma sociedade que menospreza, julga, aliena, que torna as pessoas descartáveis quando não podem trazer mais algum benefício. Muitos acreditam que merecem isso, acham que devem ser punidos, que estar na rua é resultado de não terem sido bons. Como diz Passeti (2005), vivemos numa sociedade contemporânea, mas que está atrelada à sociedade de controle, onde as políticas vigentes instituem uma inclusão que exclui, que colocam os sujeitos em um grau de desprezados.

Por muito tempo a rua foi vista como um lugar de mesquinhez e crueldade. No entanto, é preciso mudar essa visão e amplificar a ideia de rua, abarcando-a como um local de mudanças das destrezas humanas, onde se concebem relações com os outros e se firmam laços afetivos como amizades, amores. Enfim, um lugar de transformações, experiências e encontros (OLIVEIRA, 2012).

Em nossas entrevistas, ouvimos relatos tristes, de pessoas que tinham casa, trabalho e família, mas que acabaram perdendo tudo e restando-lhes somente as calçadas da rua, passaram por muitos sofrimentos, foram apedrejados, apanharam, foram-lhes negados comida, água, banho. Mas que, apesar de tudo, não perderam a esperança, recebiam ajuda de poucos, e isso também nos foi relatado, mostrando que ainda acreditam em uma vida melhor, fora das ruas.

Pudemos ver a dor ao contarem suas vivências, das noites em claro que passavam com medo da violência, do olhar de reprovação dos mais favorecidos, e do sentimento de impotência diante dessa situação. Por isso, é necessário um maior investimento em políticas públicas que visem à garantia dos direitos que até então foram negados, e que não seja buscado apenas uma melhor condição de vida para esse grupo, e sim que, principalmente, devolva-os a dignidade através da escuta.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, D. (2013). **Pessoas em situação de rua**: uso de drogas e o consultório de rua (dissertação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

AGUIAR, M. J. G. (2014). **Moradores de rua na cidade do Guarujá/SP**: Condições de vida, saúde, emoções e riscos (dissertação). Universidade Católica de Santos, SP, Brasil.

ALCANTARA, S. C., ABREU, D. P., & FARIAS, A. A. (2015). Pessoas em situação de rua: Das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, 24(1), 129-143.

ALLES, N. L. (2010). **Boca de rua**: Representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário (dissertação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

ALKIRE, S. (2007). **As dimensões ausentes**: uma introdução. Documento de trabalho 00 da OPHI, Universidade de Oxford. Disponível em: <<http://www.ophi.org.uk/working-paper-number-0/>>. Acesso 20 de outubro de 2019.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BRASIL. **Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua**. Brasília, DF, 2009. Disponível em <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf>. Acesso em 01 set 2019.

CALIMAN, B. Homem morre a facadas durante feira em Cachoeiro de Itapemirim. **Gazeta Online**, Vitória, 06 de abr. de 2019. Polícia. Disponível em <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2019/04/homem-morre-a-facada-durante-feira-em-cachoeiro-de-itapemirim-1014175491.html>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

CAMPOS, M. A. R. (2012). **Sob o céu da cidade**: Representações sociais da população em situação de rua no município de Araguari (Dissertação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: BÓGUS, L.; YAZBEK, M. C.; BELFIORE-WANDERLEY, M. (org). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 1997, p. 17-50.

CHUINA, A. G. Homem morre após ser esfaqueado na Beira Rio em Cachoeiro. **Aqui Notícias**, Cachoeiro de Itapemirim, 10 de jul. de 2019. Segurança. Disponível em <<https://www.aquinoicias.com/2019/10/homem-morre-apos-ser-esfaqueado-na-beira-rio-em-cachoeiro/>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

COIMBRA, C. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001.

COSTA, A.P. M. População em situação de rua: contextualização e caracterização. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 1, n. 4, p. 1-15, dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewArticle/993>>. Acesso em: 15 out. 2019.

COSTA, L. D. G. (2010). **Responsabilidade e desumanização**: Representações sociais sobre população de rua no Rio de Janeiro (dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

COSTA, L. E., MESQUITA, V. M., & CAMPOS, A. P. (2015). Moradores de rua, quem são eles? Um estudo sobre a população de rua atendida pela Casa da Sopa “Capitão Vendramini” de Três Corações. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, 13(2), 285-297.

CRP-MG. **A Psicologia e a população em situação de rua**: Novas propostas, velhos desafios. Belo Horizonte, 2015. Disponível em <<https://redeassocialpg.files.wordpress.com/2016/01/a-psicologia-e-a-populac3a7c3a3o-de-rua.pdf>>. Acesso em 01 set 2019.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEMO, P. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ESMERALDO FILHO, C. E. (2006). **Saúde Mental e (ex) -moradores de rua**: um estudo a partir do valor e do poder pessoal. (Monografia não publicada de Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ESMERALDO FILHO, C. E. (2010). **Necessidades de saúde dos moradores de rua**: desafios para as políticas sociais do município de Fortaleza- CE. (Dissertação não publicada de Mestrado em Saúde Pública), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

ESQUINCA, M. M. M. (2013). **Os deslocamentos territoriais dos adultos moradores de rua nos bairros Sé e República** (dissertação). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

FERNANDES, C. N. (2013). **Estudo sobre o serviço de acolhimento em república para adultos em situação de rua do município de São Paulo** (dissertação). Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil.

FRAZÃO, T. C. J. (2010). **O morador de rua e a invisibilidade do sujeito no discurso jornalístico** (tese). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S., População em Situação de Rua e Estudos Organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, vol. 14, núm. 36, outubro-dezembro, 2016, pp. 158-186 Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul Ijuí, Brasil.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). **Pesquisa sobre população em situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória** - Relatório. Vitória, ES, 2018. Disponível em <<http://www.ijsn.es.gov.br/artigos/5067-pesquisa-inedita-traca-perfil-da-populacao-em-situacao-de-rua-na-grande-vitoria>>. Acesso em 01 set 2019.

LANGA, E. N. B. (2012). **Pessoas que habitam as ruas em Fortaleza nos circuitos da vulnerabilidade e exclusão**: Identidades em construção nas trajetórias e percursos (dissertação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

LISBOA, M. S. (2013). **Os loucos de rua e as redes de saúde mental**: Os desafios do cuidado no território e a armadilhada institucionalização (tese). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

LIMA, M. Movimento nascido em São Paulo luta pelos direitos da população de rua. São Paulo. 30 de abr. de 2019. **Destaques**. Disponível em <<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/movimento-nascido-em-sao-paulo-luta-pelos-direitos-da-populacao-de-rua/>>. Acesso em 01 de novembro de 2019.

MATTOS, R. M. (2006). **Situação de rua e modernidade**: A saída das ruas como processo de criação de novas formas devida na atualidade (dissertação). Universidade São Marcos, São Paulo, SP, Brasil.

MARICATO, E. **Exclusão social e reforma urbana**. Propostas, Rio de Janeiro, n.62, p.51-56, set. 1994.

MDS, **Relatório de Informações Sociais**, 2019. Disponível em <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/index.php>>. Acesso em 10 de Outubro de 2019.

MELO, C.F. População de rua: entre a exclusão e a justiça social. In: GRINOVER, Ada Pellegrini et. al. (orgs.). **Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua**. 2. ed. Belo Horizonte: D'Plácido, 2016. p. 51-64.

MOURA, J. F. JR. (2012). **Reflexões sobre a pobreza a partir da identidade de pessoas em situação e rua de Fortaleza**. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Recuperado de: http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7161.

NASCIMENTO, E. P. Juventude: novo alvo da exclusão social. In: BURSZTYN, M. (Org.). **No meio da rua: nômades excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p. 121-138.

NASCIMENTO, E. P. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: BURSZTYN, M. (Org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

NONATO, D.; RAIOL, R. W. Pessoas em situação de rua e violência: Entrelaçados em Nome da Suposta Garantia de Segurança Pública. **Revista Direito em Debate**, v. 27, n. 49, p. 90-116, 16 ago. 2018.

OLIVEIRA, L. M. F. (2012). **Circulação e fixação**: O dispositivo de gerenciamento dos moradores de rua em São Carlos e a emergência de uma população (dissertação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

PAIVA, I.K. S. et al. Direito à saúde da população em situação de rua: reflexões sobre a problemática. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2595-2606, Aug. 2016.. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232016000802595&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de Outubro de 2019.

PASSETTI, E. Para o neoliberalismo a democracia começa no mercado, entrevista de Edson Passetti a Rafael Evangelista. **Com Ciência**. v. 67, 2005.

REIS, D. F. (2013). **A cidade do morador de rua e o morador de rua na cidade**: Lugar e percepção do ambiente urbano (dissertação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

RESENDE, V. M. (2016). Representação discursiva e violação dos direitos dos moradores de rua: violência simbólica no jornalismo online brasileiro. **Discourse & Communication**, 10 (6), 596-613.

SALDANHA, R. M. B. (2014). **Dormitório urbano**: “Uma problemática social (in) sustentável” (dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

SICARI, A. A., ZANELLA, A. V. (2018). Pessoas em situação de Rua no Brasil: Revisão sistemática. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 38(4), 662-679. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003292017> . Acesso em 30 de Agosto de 2019

SILVA, M. L. L.; **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, P. M. F. (2015). **Pessoas em situação de rua em Recife**: Cidadania através do trabalho como uma alternativa (dissertação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

SOUZA, P., & ARAÚJO, M. C. (2007). **Projeto Portal da Inclusão**: A experiência dos participantes do abrigo municipal em Maringá – Paraná. *Emancipação*, 7(2), 181-207.

THOMPSON, R. Morador de rua é encontrado morto na Praça de Fátima em Cachoeiro; frio pode ter sido a causa. **Aqui Notícias**, Cachoeiro de Itapemirim, 10 de jul. de 2019. Segurança. Disponível em <<https://www.aquinoticias.com/2019/07/morador-de-rua-e-encontrado-morto-na-praca-de-fatima-frio-pode-ter-sido-a-causa/>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

THOMPSON, R. Prefeitura e GCM fazem operação com foco na ocupação irregular de espaços públicos por moradores de rua em Cachoeiro. **Aqui Notícias**, Cachoeiro de Itapemirim, 17 de jul. de 2019. Cidades. Disponível em <<https://www.aquinoticias.com/2019/07/prefeitura-e-gcm-fazem-operacao-com-foco-na-ocupacao-irregular-de-espacos-publicos-por-moradores-de-rua-em-cachoeiro/>>. Acesso em 02 de novembro de 2019.

VARANDA, W.; ADORNO, R. C. F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e sociedade**, v. 13, n. 1, p. 56-69, jan. /abr.2004.

VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. (org.). **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

TIENE, I. **Mulher moradora na Rua**: entre vivências e políticas sociais. Campinas: Alínea, 2004.